

Uma identidade pra lá de híbrida

Gisele Cardoso de Lemos (doutoranda em Estudos da Literatura/PUC-Rio)

Caminho pelas ruas, alguns olham para mim, mas no geral nem se importam com a minha presença... Admiro as paisagens, vejo a arquitetura da cidade – uma recordação colonial – as ruas planas, a ausência de árvores e o fluxo de pessoas que passam ao meu lado sem perceber aquela que caminha silenciosamente.

Mas é só pronunciar uma palavra para ouvir: “-Where are you from?”. Sem que haja tempo para responder, ele olha minha camisa e deduz: “Are you from India?”. Hmmm, interessante me verem como indiana, pensei, mas respondi: “No, soy de Brasil”. E retomamos a língua franca.

Minutos mais tarde, entro em uma livraria e fico maravilhada com aquele universo estrangeiro, estranho, sublime esculpido todo em palavras. Perco-me entre páginas, capas, orelhas e citações, mas na hora de ir ao caixa... “-¿Sois francesa?” “- No, soy de Brasil”. As coisas mudam rapidamente por aqui; direto de Pondcherry a Paris em duas conversas.

À tarde, busco uma loja de produtos naturais, afinal, o maior produtor de soja da América Latina exporta quase toda sua produção, praticamente nos obrigando a ingerir proteína animal, algo impossível para mim. Peço uma informação e... “-Where are you from? Are you American?”

Poderia ter respondido afirmativamente, já que tanto eu quanto eles somos do continente Americano, mas preferi não confundi-la ainda mais. “No, soy de Brasil”. Bem, ao menos geograficamente estão se aproximando do meu país, creio que mais umas duas perguntas e já já acertam.

Esta noite há festa de aniversário e todos os convidados chegam já sabendo que encontrarão uma brasileira, então, creio que tudo sairá bem e minha identidade estará assegurada.

Um dos convidados quer ouvir música e adivinha que música ele acaba encontrando no rádio? Exatamente – samba! No mesmo instante seu olhar se volta para mim e diz: “-Es samba, ¡bailad!” “- No, yo no sé bailar la samba.” “- ¡Imposible! Todas las *brasileiras* bailan la samba.” Como assim? Será que há o gene do samba? Se há eu nasci sem ele. Ou o samba se tornou a dança nacional do Brasil? O que aconteceu com o frevo, o baião, o maracatu e o forró?

A insistência continua. Tento dar outra justificativa. “-Yo no quiero bailar, soy tímida.” Nesse momento a música pareceu ter parado de tocar. Ele disse: “-Dos cosas imposibles: una *brasileira* que no sabe bailar la samba y que es tímida.” Será que ele pensa que todas as brasileiras caminham pelas ruas com plumas e paetês como as passistas das escolas de samba durante o carnaval?

Bem, tentando esquecer a estereotipização, em conversa com um amigo da cidade, descobro que os árabes são chamados por eles de turcos (agregando no pacote os armênios), os judeus são chamados de russos (¡Que cambio! La religión por la nacionalidad), os espanhóis são chamados galegos, os italianos de “tanos” (napoli-TANOS) ou “gringos” e os japoneses são chamados de chineses (Tudo que eles jamais quiseram). E qualquer um que tenha na pele um pouquinho mais de melanina será chamado de negro, inclusive os indígenas.

Depois de tudo isso, me pergunto... ¿Quién soy yo?